

Artigo Livre

Irmão mosca e a ociosidade: as considerações de Francisco de Assis sobre o trabalho manual na Ordem dos Frades Menores nos séculos XIII e XIV

Alex Silva Costa, *Universidade Estadual do Maranhão* ✉  

Palavras-chave:

Francisco de Assis;
memória;
trabalho manual

Resumo. Francisco de Assis, em seus escritos e textos hagiográficos, sempre teve aversão à ociosidade. Por isso, denominava os frades da *fraternitas* que não se dedicavam ao trabalho manual e às práticas de mendicância de “irmão mosca”. A atribuição era dada a eles, porque se satisfaziam da labuta dos outros confrades e nada produziam para o seu sustento devido ao sedentarismo. O embate vai ao encontro das visões doutrinárias utilizadas pelos espirituais que tratavam o trabalho manual como modelo de transcendência espiritual. Por outro lado, o grupo opositor dos conventuais interpretavam essas ações laborais com atenuações religiosas. Assim, deve-se pensar no uso da memória como conservação e legitimação de interesses ideológicos de grupos divergentes que disputam a reivindicação dos interesses de seus próprios modos de viver e conduzir a fé.

Keywords:

Francis of Assisi;
memory;
manual labor

[EN] Brother mosca and idleness: Francis of Assisi's considerations on manual work in the Order of Friars Minor in the 13th and 14th centuries

Abstract. Francis of Assisi, in his writings and hagiographic texts, always had an aversion to idleness. For this reason, he called the friars of the *fraternitas* who did not dedicate themselves to manual labor and begging practices “fly brothers”. This was attributed to them because they were satisfied with the work of their other brothers and produced nothing for their own sustenance due to their sedentary lifestyle. The clash is in line with the doctrinal views used by the spirituals who treated manual labor as a model of spiritual transcendence. On the other hand, the opposing group of the conventuals interpreted these labor actions with religious attenuations. Thus, one must consider the use of memory as a means of preserving and legitimizing the ideological interests of divergent groups that dispute the right to claim the interests of their own ways of living and practicing their faith.

Mots clés

François d'Assise;
mémoire;
travail manuel

[FR] Frère mosca et l'oisiveté: considérations de François d'Assise sur le travail manuel dans l'Ordre des Frères Mineurs aux XIIIe et XIVe siècles

Résumé. François d'Assise a toujours eu dans ses écrits et ses textes hagiographiques une aversion pour l'oisiveté. C'est pour cette raison qu'il appelait « frères mouches » les frères de la fraternité qui ne se consacraient pas au travail manuel et à la mendicité. Cette tâche leur a été confiée parce qu'ils étaient satisfaits du travail de leurs collègues et ne produisaient rien pour leur propre subsistance en raison de leur mode de vie sédentaire. Le conflit est conforme aux vues doctrinales utilisées par les spirituels qui considéraient le travail manuel comme

un modèle de transcendance spirituelle. D'autre part, le groupe opposé des conventuels interprétait ces actions ouvrières avec des atténuations religieuses. Il faut donc envisager l'utilisation de la mémoire comme un moyen de préserver et de légitimer les intérêts idéologiques de groupes divergents qui contestent le droit de revendiquer les intérêts de leurs propres modes de vie et de pratique de leur foi.

Introdução

Francisco de Assis nasce no fim do século XII, no ano de 1181/1882, no qual muitas contestações à Igreja eram feitas por sua acumulação de terras, pela riqueza extrema, além de conduta religiosa de muitos clérigos. O processo de conversão de pobrezinho de Assis dá-se após uma longa doença que o teria acometido por volta de 1204, e tal enfermidade, segundo as hagiografias, não teria um diagnóstico preciso, tendo sido apenas relatada. Francisco de Assis dispunha do sonho de se tornar cavaleiro, homem de armas – e esse desejo comparece em seu processo de conversão como uma forma de comunicação, o qual transcorre entre 1204/1205 quando o jovem futuro santo vai à guerra da Apúlia no Sul, mas volta após ter obtido a visão e mensagem de Espoleto.

Ainda em 1206, Francisco de Assis empenha-se no cuidado aos leprosos, veste-se de eremita, volta-se aos trabalhos manuais e começa a reconstruir a capela de São Damião. Aqui há um ambiente prático do modo de vida da *fraternitas* franciscana, a partir dos quais os frades dedicavam-se aos cuidados dos doentes e à prática de trabalhos manuais – ambas ações comuns na fraternidade que viriam a diminuir, e em certa medida, com o crescimento massivo de novos adeptos ao movimento religioso. Tal afirmativa, ao mesmo tempo, apresenta-se de forma reflexiva, pois depende, demasiadamente, das configurações futuras dos dois ramos franciscanos a serem construídos, ou seja, a dos conventuais (há um atenuamento dessas ações) ou dos espirituais (ações vistas como primordiais para a edificação espiritual).

Por outro lado, há elementos que, muitas vezes, foram definidos pelos espirituais como modelos autênticos, que não comportariam atenuações. Em virtude disso, optamos por trazer o debate sobre a questão da ociosidade e do trabalho manual na Ordem dos Frades Menores durante os séculos XIII e XIV para entendermos melhor o contexto vivido por Francisco de Assis. Assim, a forma como o santo pensou as atividades laborais muitas vezes foi reivindicada por “aqueles que conviveram com ele” como um ideal de vida a ser reproduzido pelos adeptos do movimento franciscano sem atenuações. As vozes acima são encontradas nas obras hagiográficas do grupo de perícopes que se caracterizam pela fórmula, *nos qui cum eo fuimus* (nós que vivemos com ele/nós que convivemos com ele) e semelhantes, que, pelo entendimento de Manselli (1980), apresentam momentos testemunhados pelos escritores. A questão está no caráter de verificação e veracidade dos acontecimentos

ao qual eles acusam a fidelidade dos relatos por terem sido testemunhas oculares ou participantes. Ao mesmo tempo, não existem, nas hagiografias franciscanas, testemunhos mais autênticos do que outros, já que acreditamos existirem construções, visões e interpretações diferentes sobre a mesma figura hagiográfica.

Francisco de Assis teve uma vida voltada para a prática do *Evangelium*, buscando, a todo custo, a sua semelhança por meio da imitação do Cristo. A sua identificação com o filho de Deus não seria somente corporal, mas escatológico em sua mensagem de renovação, de mudança, destacando-se a questão da pobreza – amplamente discutida. A questão é que, para alguns frades, a pobreza era virtude; para Francisco de Assis, modo de vida. Cristo nasceu pobre, cultivando-se, assim, materialmente, e como o objetivo era seguir os passos do filho de Deus, o santo, igualmente, não se regozijava de bens materiais, pregava a doação, a fraternidade, o cuidado aos leprosos, ações que o *poverello* fez questão de cumpri-las inexoravelmente, pois encampava a mensagem do Cristo para colocá-la em prática.

Durante o seu longo processo de conversão, Francisco de Assis despojou-se para a pobreza com o intuito de encontrar a si mesmo e, para isso, renunciou a tudo, principalmente aos prazeres mundanos e à vaidade. Além disso, houve um processo de definhamento de seu narcisismo, tanto que ficou nu diante de todos na audiência com o bispo de Assis Dom Guido II. Depois desse episódio, não carregaria consigo nada de valor material, passando a cuidar dos leprosos e a mendigar o pão. Reconheceu, desse modo, que o Cristo crucificado fez-se pobre e que, por meio da pauperidade, encontrar-se-ia no caminho de Deus.

Diz-se que o sucesso da atitude cristã de Francisco de Assis deveu-se à sua personalidade, e mais, ao ter a graça de receber, em seu corpo, os sagrados estigmas do Cristo Crucificado legitimou a sua caminhada de *imitatio Christi*, o que o levou a ser chamado de *alter Christus*, revelando, ainda mais, a sua semelhança com o filho de Deus, só que, dessa vez, por vestígios corporais. Desse modo, imitava Cristo fielmente e juntamente com os seus discípulos, decidiu alcançar um modo de vida em cumprimento às palavras do santo Evangelho.

Colocar em prática o *Evangelium* de forma literal constitui uma de suas singularidades diante de outros santos. E mais, vivê-lo em sua totalidade, além de ser, uma atitude de obediência às palavras do Cristo, configura uma via de conformidade com o filho de Deus. Dessa forma, o santo vivenciava o seu ideal mimético, que é o de aplicação do modo de vida do Cristo de forma unilateral. Ademais, Francisco de Assis decide estender esse modo de vida a seus companheiros como meta espiritual, como adoção de uma nova conduta de vida para quem quisesse acompanhá-lo.

Irmão mosca e a ociosidade

Vejamos, primeiramente, um pouco sobre a documentação utilizada no presente artigo, a *Legenda Perusina (LP)*, manuscrito “[...] encontrado em 1926 pelo franciscano Delorme na biblioteca comunal de Perusa” (Silveira, 1997, p. 36). Tal documentação apresenta caráter episódico e não segue uma estrutura biográfica. Foi redigida entre os séculos XIII e XIV, sem data precisa. Também “é recheada das expressões *nos qui cum eo fuimus*, e apesar de ter sido encontrado em Perusa, sua procedência é de Assis” (Visalli, 2003, p. 27-28). Ganhou, ainda, “[...] ao longo do tempo, várias denominações, *Legenda Antiga, As Flores dos Três Companheiros, Escritos de Leão, Rufino e Angelo, Companheiros de São Francisco de Assis, Compilação Assisiense*” (Silveira, 1997, p. 36). O *Espelho da Perfeição (SP)* “[...] apresenta problemas com relação a sua datação” (Visalli, 2003, p. 27). Primeiramente, foi “[...] publicada e descoberta no final do século XIX por Paul Sabatier, em 1898, que atribuiu sua autoria a Frei Leão” (Silveira, 1997, p. 37). Provavelmente, foi composta na “[...] segunda metade do século XIV, se assemelha à *Legenda Perusina* e, como ela, apresenta as expressões *nos qui cum eo fuimus*” (Visalli, 2003, p. 27). Além disso, observa-se que as expressões acima destacadas são “[...] frequentes nas obras que tem a participação de Frei Leão” (Silveira, 1997, p. 39).

A *Legenda Maior (LM)* fora confiada em 1260, no Capítulo Geral da Ordem, realizado em Narbone, a Boaventura (1257-1274), que, na época, ocupava o cargo de Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores. A obra ficara pronta em 1263 e, três anos depois, o mesmo Ministro Geral tomou a decisão de torná-la a única “biografia oficial” de Francisco de Assis. E, para assegurar o grande teor de “oficialidade”, “[...] determinou que as obras posteriores escritas sobre o santo fossem destruídas, medida que não foi concluída por inteiro” (Le Goff, 2007, p. 52). A *Vita Prima (1C)*, de 1228/1229, foi composta a pedido do Papa Gregório IX para a canonização do santo em 1228. Tomás de Celano era tido no período medieval “[...] como autor de estilo literário refinado, e que por isso teria sido escolhido para redigir a primeira biografia oficial do santo” (Le Goff, 2007, p. 55). Foi “[...] escrita num estilo atraente, e em boa parte das vezes poético, seu livro respira uma admiração comovente para com seu herói” (Sabatier, 2006, p. 56). Constituía uma das maiores tarefas do hagiógrafo a apresentação de um novo santo à comunidade cristã, detentor de um novo milagre, os estigmas, e fundador de uma nova Ordem, a dos Frades Menores.

A *Vita Secunda (2C)*, de 1247, também foi redigida por Tomás de Celano. No entanto, teve a colaboração de vários outros testemunhos e de documentos novos enviados a pedido do então Ministro Geral da Ordem, Crescêncio de Iesi, por meio do Capítulo Geral da Ordem de 1244, ocorrido em Gênova. Nesse Capítulo, determinou-se a apresentação de novos fatos sobre a vida de Francisco de Assis no sentido de que fossem usados na composição de uma nova vida do santo.

Analisemos, então, as narrativas sobre o “irmão mosca” na *Legenda Perusina* (LP), a qual afirma que, no início da Ordem, quando os frades habitavam em Rivotorto, havia um religioso que rezava pouco e, por vergonha, nunca ia pedir esmola, embora comesse bem. A questão é que o bem-aventurado Francisco, preocupado com o comportamento desse irmão, teria sido advertido pelo Espírito Santo de que se tratava de homem carnal, com intenções duvidosas. Então o santo falou-lhe¹: “Vai-te embora, irmão mosca, porque tu queres comer o fruto do trabalho dos frades e ficas ocioso no jardim de Deus, como o irmão zangão que não colhe nada, não trabalha e vive à custa das canseiras das diligentes abelhas. Voltou o frade para o mundo”². A narrativa termina, ainda, dizendo que o frade, por ser carnal, nem sequer pediu perdão.

No *Espelho da Perfeição* (SP), há uma narrativa hagiográfica muito semelhante a que foi apresentada acima, a qual afirma que os fatos aconteceram nos primórdios da Ordem, em Rivotorto, proximamente de Assis. E eis que surge a figura do frade que rezava pouco, não trabalhava e não queria esmolar, mas que comia em demasia. Da mesma forma, Francisco de Assis foi inspirado pelo Espírito Santo a admoestar o homem carnal, dizendo-lhe³:

‘Segue teu caminho, irmão mosca, porque queres te alimentar do trabalho de teus irmãos e ficar ocioso na vinha do Senhor. És como o zangão ocioso e estéril que nada produz, porque não trabalha e, contudo, se nutre do trabalho e do ganho das laboriosas abelhas’. Ouvida esta repressão, aquele frade voltou para casa; e como era carnal, não implorou misericórdia, nem a obteve⁴.

Francisco de Assis, em seus poucos escritos, no próprio *Testamentum*, bem como em versões de relatos hagiográficos, demonstra que sempre teve aversão à ociosidade, denominando, de forma crítica, os frades que não se empenhavam ao trabalho manual e de “irmão mosca” a mendicância – justamente por estes se satisfazerem dos trabalhos dos outros frades e não produzirem nada na comunidade devido a seu sedentarismo. Na maioria das hagiografias franciscanas, seja ela “oficial” ou “não oficial”,

¹ Versão latina: “Vade viam tuam, frater musca, quoniam vis comedere laborem fratrum tuorum, et vis esse otiosus in opere (cfr. 1Cor 15, 58) Dei, sicut frater apum, qui non vult lucrari et laborare et comedit laborem et lucrum bonarum apum”. *Legenda Perusina* (LP) - 62. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

² LEGENDA Perusina (LP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 793.

³ Versão latina: “Vade viam tuam, frater musca, quoniam vis comedere laborem fratrum tuorum, et esse otiosus in opere Dei, sicut apis otiosus et sterilis qui non lucratur, et non laborat, et comedis laborem et lucrum bonarum apum”. Et sic ille ivit viam suam, et quia carnalis erat, non petiit misericordiam nec invenit. *Speculum Perfectionis* (SP) - 24. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

⁴ ESPELHO da Perfeição (SP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 873-874.

encontramos muitos relatos que afirmam que Francisco de Assis ao avistar⁵ “[...] algum ocioso e vagabundo, desses que pretendem viver às expensas do suor dos outros, chamava-o de ‘irmão mosca’, porque este, nada fazendo de bom e usando mal dos benefícios recebidos, chega a se converter em objeto de abominação para todos”⁶.

Primeiramente, cabe salientar que o termo “trabalho”, aqui empregado, não possui a mesma conotação usada atualmente, pois pensar, simplesmente, dessa forma seria incorrer em anacronismo conceitual. Além disso, a concepção moderna de trabalho desenvolvida após a Revolução Industrial alcança sentido totalmente diferente do utilizado durante o período feudal, e, em nosso caso especificamente, a noção de trabalho está voltada para a ascese espiritual, o que impeliria os frades a se afastarem da ociosidade por meio da realização de trabalhos manuais que edificassem a sua alma para a realização das obras de Deus. Desbonnets afirma que a palavra empregada por Francisco de Assis para designar o trabalho: *laboritium*, não se encontra nos “[...] dicionários do latim medieval, senão em referência a textos franciscanos. Trata-se, provavelmente, do decalque de um italianismo, ainda hoje em uso, ‘lavoraccio’, que significa, ou ‘trabalho penoso’ ou ‘trabalho diário ajustado’, mais comumente do tipo agrícola” (Desbonnets, 1987, p. 37).

Dessa forma, ao tomarmos com segurança o sentido do “trabalho” empregado no nosso caso, conseguimos identificar a especificidade de sua realização, e de sua recomendação por parte de Francisco de Assis juntamente aos membros de sua *fraternitas*. Nessa perspectiva, a sua utilização como via de aproximação ao sagrado atende a uma demanda espiritual que se distancia do sentido de atividade penosa e cansativa, e se consubstancia em uma fortificação da alma para a realização do reino de Deus.

No contexto das hagiografias franciscanas, Francisco de Assis tece admoestações em relação à figura do “irmão mosca”, indivíduo que considera desprezível para a sua fraternidade, pois essa figura nada tem a acrescentar, pelo contrário, apenas se utiliza das benesses dos trabalhos dos outros frades. Afirmamos, novamente, que as admoestações em relação ao “irmão mosca” estão contidas no conjunto hagiográfico franciscano medieval. Cabe lembrar que, no grupo “oficial”, o material escrito apresenta-se de forma ordenada, tendo sido produzido sob o filtro da Igreja para que estivesse com o sentido alinhado, enquanto, no conjunto “não oficial”, encontram-se as admoestações as não ordenadas, as quais não fazem parte do contexto de produção

⁵ Versão latina: “Si quem vero cernebat otiosum et vagum aliorum velle manducare labores, fratrem muscam nominandum censebat, eo quod talis nihil boni faciens, sed benefacta inficiens, vilem et abominabilem se omnibus reddat”. *Legenda Maior (LM)* - V, 6. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

⁶ BOAVENTURA, São. *Legenda Maior (LM)*. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 494.

direcionada da Igreja, pois criticadas, inclusive, por membros da Ordem que integravam a ala conventual.

Além disso, esse material hagiográfico foi alvo de ataques destrutivos por parte de Boaventura de Bagnoregio enquanto Ministro-Geral da Ordem (1257-1274). Assim, ao ocupar um lugar de decisão com sua autoridade, Boaventura pôde exercer a sua influência sobre o que deveria ser lido e escrito sobre Francisco de Assis. E por mais que o plano de cancelamento em massa das hagiografias franciscanas anteriores a escrita por ele em 1263 não tenha sido um sucesso total, muito se destruiu, e tal atitude deixou cicatrizes históricas difíceis de serem esquecidas pelos estudiosos do movimento franciscano medieval.

Na *Vita Prima (1C)*, escrita em 1228/1229 por Tomás de Celano, encontramos uma designação específica para apresentar Francisco de Assis a toda comunidade cristã, no caso, a condição *novitas*: novo santo, nova ordem religiosa, novo milagre inaudito (os estigmas). No plano de apresentação da obra hagiográfica, atestamos, ainda, essa condição perante os trabalhos desenvolvidos pelos frades, a *novitas*, a qual se faz presente na postura religiosa ante os trabalhos manuais. Apresentamos, então, por meio da escrita hagiografia de Tomás de Celano, a descrição de como deveria ser a conduta dos frades em relação a suas atividades⁷: “Durante o dia, os que sabiam trabalhavam com as próprias mãos, visitavam as casas dos leprosos, ou outros lugares honestos, servindo a todos com humildade e devoção”⁸.

A *Legenda Perusina (LP)* aporta uma advertência aos frades para que se afastem de conversas ociosas por meio do emprego do trabalho manual, pois um passatempo tão danoso prejudicaria o serviço no Reino de Deus. A narrativa nos aponta que, quando estava em Santa Maria da Porciúncula, Francisco costumava, depois da refeição, dedicar-se, diariamente, a algum trabalho manual com os seus frades por que temia, por si e pelos seus, perder o benefício da oração, alcançado com a ajuda do Senhor, em conversas inúteis e ociosas. Para⁹ “[...] evitar essa espécie de conversas, eis o que determinou para todos cumprirem: ‘Se um frade, quer em tempo livre quer no trabalho com os outros, se der a conversas ociosas e inúteis, seja obrigado a recitar o

⁷ Versão latina: “Diebus vero manibus propriis qui noverant laborabant, existentes in domibus leprosorum, vel in aliis locis honestis, servientes omnibus humiliter et devote”. *Vita Prima (1C)* – 39. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

⁸ CELANO, Tomás de. *Vita Prima (1C)* de São Francisco. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 207.

⁹ Versão latina: “[...] ad evitandum lapsum verborum otiosorum (cfr. Mat 12,36) vel inutilium, talia ordinavit et a fratribus observanda mandavit: ‘Si quis fratrum, vacans vel operans aliquid inter fratres verbum aliquod otiosum (cfr. Mat 12,36) protulerit vel inutile, teneatur semel dicere Pater noster, laudando Deum in princípio et in fine ipsius orationis’”. *Legenda Perusina (LP)* - 78. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

pai-nosso com os Louvores de Deus, antes e depois da oração”¹⁰. De certa forma, entendemos que essas atividades recomendadas pelo santo estão baseadas nos princípios que regem os próprios ideais pensados para os franciscanos. Para Francisco de Assis, nada deve, portanto, ser feito por obrigação, assim, a edificação da alma passa pela realização de atividades que vão ao encontro dos ensinamentos de Cristo.

Além disso, verificamos, também, reprimendas quanto aos excessos cometidos pelos frades, ou seja, havia, no caso, um limite para que nada afetasse o crescimento espiritual e, mais do que isso, é comum encontrarmos admoestações para combater excessos praticados pelos frades¹¹: “Se alguma vez a abundância de comida ou de bebida, como pode acontecer, perturbava sua sobriedade, ou pelo cansaço do caminho passavam além da necessidade absoluta, mortificavam-se duramente com uma abstinência de muitos dias”¹². Na *Legenda Perusina (LP)*, Francisco de Assis utiliza a figura do “irmão corpo” para admoestar os possíveis excessos que os frades não poderiam ter com o corpo. Afirma-se que no comer, no dormir, e em outras necessidades do corpo, deve o servo de Deus ser discreto, para que o irmão corpo não recalcitre, dizendo¹³:

‘Não consigo manter-me de pé, nem me dedicar à oração por muito tempo, nem manter a alegria nas minhas tribulações, nem fazer outras boas obras, porque tu não me dás o que necessito!’ Se, ao contrário, o servo de Deus provê com discrição às necessidades do seu corpo, guardando a justa medida, e todavia o irmão Corpo se mostra preguiçoso, negligente ou sonolento na oração, nas vigílias ou outras boas obras espirituais, deve então castigá-lo, como a um animal viciado e preguiçoso, que quer comer, mas se recusa a trabalhar e a levar a sua carga¹⁴.

¹⁰ LEGENDA Perusina (LP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 807.

¹¹ Versão latina: “Si quando ciborum copia vel potus, ut assolet, eorum sobrietas turbaretur, vel itineris lassitudine necessitatis metas vel in modico pertransirent, multorum dierum abstinencia se acerbissime cruciabant”. *Vida Prima (1C)* – 40. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

¹² CELANO, Tomás de. *Vita Prima (1C)* de São Francisco. Tradução: Frei José Carlos Pedroso. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 208.

¹³ Versão latina: “Ego non possum stare erectus et insistere orationi, nec in tribulationibus meis letari et alia bona opera operari, pro eo quod michi non satisfacis”. Item dicebat, quod si servus Dei suo corpori cum discretione satisfacit satis bono modo et honeste sicut poterit, et frater corpus, in oratione et vigiliis et aliis bonis operibus anime vellet esse pigrum, negligens vel somnolentum, quod ipsum castigare debet tamquam malum et pigrum armentum, quia vult comedere et non vult lucrari, nec honus portare”. *Legenda Perusina (LP)* – 96. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

¹⁴ LEGENDA Perusina (LP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 827.

A mortificação por meio da abstinência serve para a purgação do excesso cometido, dessa forma, o “irmão corpo” não poderia ter privilégios de gula ou de sonolência excessiva, não devendo, ainda se mostrar inativo, tampouco se render à ociosidade. Assim, nada poderia estar aquém dos limites pensados pelo próprio santo, para provar a sua luta contra o “irmão corpo” – ele mesmo fez consigo diversas reprimendas corporais em público por ter realizado atitudes que considerou privilegiadas e, por mais que estas não fossem tão graves aos olhos de uns, não se deixava duvidar.

Tal qual procedeu em um episódio da *Legenda Perusina (LP)* em que passou a noite doente e, pela manhã, mesmo com o corpo febril, mandou reunir o povo na praça para pregar, após a pregação, Francisco de Assis ordenou a Frei Pedro Cattani que lhe obedecesse e não se opusesse a seus pedidos. Tirou a túnica e mandou que Frei Pedro Cattani o levasse, em calções, de corda ao pescoço, para o meio do povo. Então Frei Pedro Cattani, conforme prometera, e lhe foi ordenado, lavado em lágrimas, executou o pedido. Quando o santo chegou nu e arrastado com a corda ao pescoço na praça onde tinha pregado, teria falado aos presentes¹⁵: “Pensais que eu sou santo, como pensam também aqueles que, a meu exemplo, deixaram o mundo e entraram na Ordem, e seguem a vida dos frades. Pois bem, aqui confesso diante de Deus e de vós todos, que durante a minha doença, fui alimentado a carne e molho de carne”¹⁶. Não abordaremos, aqui, o aspecto lúdico e teatral da cena narrada, mas chamaremos atenção para a questão da mortificação do corpo, de usá-lo como instrumento de penitência, a relação de Francisco de Assis com o “irmão corpo” era tão profunda que merecia um estudo à parte. O santo o castiga, vê-o como um fardo pesado, como o seu pior inimigo, mas, ao mesmo tempo, os estigmas de Cristo em seu corpo santificam-lhe.

Na *Vita Secunda (2C)* de 1247, de Tomás de Celano, encontramos um discurso hagiográfico atribuído a Francisco de Assis, o qual relata desconfiança e desgosto com os preguiçosos no seio de sua *fraternitas*. Chamava-os, primeiramente, de tíbios, os frades que não se ocupavam, habitualmente, com nenhum trabalho, que deviam ser vomitados da boca de Deus. Diz que não admitia que nenhum frade ocioso ficasse diante dele sem o corrigir com palavras mordazes. Além disso, o santo é apresentado na hagiografia como exemplo de perfeição, pois¹⁷ “[...] estava sempre ocupado e

¹⁵ Versão latina: “Vos creditis me esse sanctum hominem et alii, qui meo exemplo seculum derelinquunt, et intrans Religionem fratrum et vitam. Sed Deo et vobis confiteor, quoniam in ista mea infirmitate comedi carnem et brodium carniū conditum”. *Legenda Perusina (LP)* - 39. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

¹⁶ LEGENDA Perusina (LP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 770.

¹⁷ Versão latina: “et operabatur manibus (crf. 1Cor 4, 12) suis, nihil permittens effluere de optimo temporis dono. Dixit autem aliquando: ‘Volo omnes fratres meos laborare et exercitari, et eos qui

trabalhava com as próprias mãos, sem deixar que se perdesse nada do valioso dom do tempo. Disse uma vez: ‘Quero que meus frades trabalhem e estejam sempre ocupados, e que aprendam algum ofício aqueles que não o souberem’¹⁸.

De forma divergente, há uma passagem em Boaventura que apresenta a mesma questão de forma destoadada: “Ele não dava muita importância ao trabalho manual a não ser para evitar a ociosidade” (Silveira, 1997, p. 37). Notamos, portanto, a intenção de desestimular o trabalho manual, ligando-o a um fato não espiritual – assim, esse abrandamento coincide com a interpretação dos conventuais sobre a questão, principalmente com a de Boaventura (1257-1274), Ministro-Geral da Ordem dos Frades Menores na época dos calorosos debates sobre a conduta dos frades depois da morte do santo.

Seguimos, contudo, para a importante descrição da figura do “irmão mosca” nas páginas da *Vita Secunda* (2C), de Tomás de Celano. O interessante é que a sua descrição é procedida por meio de uma admoestação do próprio Francisco de Assis a um frade de índole duvidável, na reprimenda o santo não deixa dúvidas sobre sua repulsa para com pessoas que querem apenas usar do trabalho dos outros para benefício próprio. No caso, ele apresenta o esquema no qual havia um frade que nunca ia esmolar, mas que era assíduo à mesa¹⁹:

Vendo que era comilão, participava dos frutos, mas não dos trabalhos, disse-lhe uma vez o santo: ‘Segue teu caminho irmão mosca, porque queres comer o suor de teus irmãos e ficar ocioso no trabalho de Deus. Pareces com o irmão zangão, que não ajuda as abelhas a trabalhar mas quer comer o mel por primeiro’. Quando este homem carnal viu que sua glotoneria tinha sido descoberta, voltou para o mundo, que nunca tinha deixado. Saiu da Ordem²⁰.

Para Francisco de Assis, segundo o relato hagiográfico, há, de imediato, uma atitude de desprezo em relação à ociosidade e, apesar de usar a figura do frade preguiçoso para atacar, não é a sua glotoneria que visa estancar, mas, mais do que isso,

nesciunt, aliquas artes addiscere’’. *Vita Secunda* (2C) - 161. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

¹⁸ CELANO, Tomás de. *Vita Secunda* (2C) de São Francisco. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 401.

¹⁹ Versão latina: “Quem sanctus attendens ventris amicum, fructus participem, laboris expertem (crf. Heb 5, 13), sic semel intulit ei: ‘Vade viam tuam, frater musca, quoniam vis comedere sudorem fratrum tuorum et esse otiosus in opere Dei (crf. 1Cor 15, 58). Similis es fratri aponi qui laborem apum non sustinens, mella vult comedere primus’. Deprehensam carnalis homo suam ingluviem noscens, mundum quem nondum dereliquerat repetit. Exivit namque religionem’’. *Vita Secunda* (2C) - 75. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes>. Acesso em: 3 out. 2022.

²⁰ CELANO, Tomás de. *Vita Secunda* (2C) de São Francisco. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 342.

pretende combater o exemplo dos que nada produzem para Deus, dos que somente esperam para se satisfazer – e sujeitos, assim, devem ser ignorados por nada contribuírem. Reis nos traz uma informação significativa sobre o clima da região ao afirmar que, no calor, “[...] as moscas são bastante incômodas aos pobres trabalhadores, sujos e suados. É bem compreensível a aversão de São Francisco por este inseto” (Reis, 1997, p. 342). Por outro viés interpretativo, Boaventura faz um contraponto entre o “irmão mosca” e o “irmão burro” enfatizando a ociosidade do primeiro e valorizando a figura do segundo como modelo ideal a ser seguido pelos frades. De todo, percebe-se que a intenção do referido hagiógrafo era conferir destaque ao distanciamento que os frades deveriam ter da preguiça, pelo fato desta ser uma sentina de maus pensamentos, assim, apenas a disciplina de atividades laborais poderia dominar a carne preguiçosa²¹.

Por isso chamava o corpo de ‘Irmão Burro’, indicando assim que é necessário carregá-lo de trabalho e de fardos, puni-lo com chicotadas e ser sustentado com alimento ordinário e escasso. Por isso quando via algum ocioso e vagabundo, desses que pretendem viver às expensas do suor dos outros, chamava-o de ‘Irmão Mosca’, porque este, nada fazendo de bom e usando mal dos benefícios recebidos, chega a se converter em objeto de abominação para todos²².

Chamamos atenção para a importância do caso do “irmão burro” para a concepção edificadora franciscana, pois precisamos falar da notoriedade conferida aos símbolos na cultura popular durante o período medieval. Nesse sentido, Bakhtin sustenta que o asno é um dos símbolos mais antigos e vivos do “baixo” material e corporal. No caso, o animal comportaria “[...] ao mesmo tempo um valor degradante (morte) e regenerador. Basta lembrar *Apuleio e seu Asno de ouro*, os mimos de asnos que encontramos na Antiguidade e, finalmente, a figura do asno, símbolo do princípio material e corporal nas lendas de São Francisco de Assis” (Bakhtin, 1987, p. 67).

Encontramos, ainda, em o *Espelho da Perfeição (SP)*, a situação em que o seráfico Pai (Francisco de Assis) afirmava que os frades indolentes, que não se aplicavam a algum trabalho com humildade e simplicidade, seriam rejeitados, prontamente, pela boca do Senhor. Por isso, nenhum ocioso podia comparecer diante dele, sem logo ser repreendido com palavras mordazes. Contudo, mais uma vez, veremos o santo ser lançado como modelo perfeito a ser seguido pelos futuros frades, e esse modelo

²¹ Versão latina: “Unde corpus suum fratrem asinum appellabat, tamquam laboriosis supponendum oneribus, crebris caedendum flagellis et vili pabulo sustentandum. Si quem vero cernebat otiosum et vagum aliorum velle manducare labores, fratrem muscam nominandum censebat, eo quod talis nihil boni faciens, sed benefacta inficiens, vilem et abominabilem se omnibus reddat”. *Legenda Maior (LM)* – V, 6. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 22.

²² BOAVENTURA, São. *Legenda Maior (LM)*. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 494.

personificado de admoestação sobre o trabalho manual serve para fixar posicionamento perante os descasos²³: “Com efeito, sendo ele modelo de toda a perfeição, trabalhava humildemente com suas mãos (*Cf.* 1Ts 4,11), não consentindo que nada se perdesse do precioso dom do tempo”²⁴. Além disso, o santo dizia que²⁵ “[...] o lucro e a recompensa pelo trabalho não deviam estar à disposição de quem trabalhou, mas do guardião ou da comunidade”²⁶. Essa atitude de deixar a cargo de terceiros a recompensa pelo trabalho empregado facilitaria a não acumulação de dinheiro e de bens materiais por parte dos frades, o que contribuiria, substancialmente, para que fossem atendidos os desejos do santo de não possuírem posses.

Não menos importante, apresentamos uma admoestação atribuída a Francisco de Assis que lembra o que foi dito em seu *Testamentum* – e, apesar de não ser o nosso objetivo entrar, especificamente, nesses detalhes, o texto nos leva a crer que as palavras descritas em o *Espelho da Perfeição (SP)* tiveram no mínimo inspiração no *Testamentum*, pois afirmava veementemente²⁷: “Quero que todos os meus frades trabalhem e se exercitem humildemente em boas obras, para sermos menos pesados para as pessoas e para que o coração ou a língua não vagueiem na ociosidade; os que não sabem trabalhar, aprendam”²⁸. Podemos pensar que as admoestações vindas do santo aos frades, ainda em vida, em relação à ociosidade e ao trabalho manual, influenciaram discursos hagiográficos que tinham a intenção de fazer uma retomada da *vita apostólica*.

Encontramos discursos nesse sentido, que vão ao encontro das palavras do *Testamentum*, a partir das quais informa que trabalhava com as próprias mãos: “E quero firmemente que todos os outros irmãos se ocupem num trabalho honesto. E os que não souberem trabalhar o aprendam, não por interesse de receber o salário do

²³ Versão latina: “Siquidem ipse omnis perfectionis exemplar, *manibus suis*” (*Cf.* 1The 4,11). *Espelho da Perfeição (SP)* – 75. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

²⁴ ESPELHO da Perfeição (SP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 929.

²⁵ Versão latina: “Lucrum vero et mercedem de labore non laborantis, sed guardiani vel familiae arbitrio committendum esse dicebat”. *Espelho da Perfeição (SP)* – 75. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

²⁶ ESPELHO da Perfeição (SP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 929.

²⁷ Versão latina: “Volo omnes fratres meos laborare et exercitari humiliter in operibus bonis, ut minus simus hominibus onerosi, et ne cor aut lingua in otio evagetur; qui vero nihil sciunt operari, addiscant”. *Espelho da Perfeição (SP)* – 75. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

²⁸ ESPELHO da Perfeição (SP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 929.

trabalho, mas por causa do bom exemplo e para afastar a ociosidade”²⁹. De modo semelhante, em *Legenda Maior (LM)*, de 1263, escrita por Boaventura de Bagnoregio a admoestação ao trabalho com referencial no *Testamentum* de Francisco de Assis, em relação ao trabalho, assim dispunha-se:³⁰: “Quero que meus irmãos trabalhem e se ocupem em algum trabalho honesto, para que não se entreguem à ociosidade venham a cair por palavra ou pensamento em algo que é ilícito ou pecaminoso”³¹. A recomendação ao trabalho com conotações semelhantes às de cima pode ser encontrada na *Regra Bulada (2Rg)* de 1223³²: “Os irmãos, aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção, de maneira que afugentem o ócio, inimigo da alma e não percam o espírito de oração e piedade”³³.

Para Le Goff, a atitude de São Boaventura de impor a *Legenda Maior* como única vida canônica faz parte de um complexo sistema de decisões que pretende pôr fim às divisões internas, facilitada por certa insensibilidade da época em relação à objetividade científica, mas que manifesta um desprezo pela autenticidade ainda mais curioso, porque São Francisco tinha proclamado um respeito pela letra e pelo espírito dos textos autênticos, bastando observar-se em seu Testamento: “O Ministro-Geral e todos os outros ministros e os custódios estão obrigados, por obediência, a não acrescentar nada nem nada cortar destas palavras. Antes, tenham este texto sempre consigo junto com a Regra, leiam também estas palavras” (Le Goff, 2007, p. 52).

Sabatier (2006) demarca, igualmente, que Boaventura de Bagnoregio prontificou-se a escrever uma espécie de biografia oficial ou canônica. E, de certo modo, conseguiu-o bem, justamente porque boa parte dos relatos, já conhecidos, foi incluída em sua compilação, mas não sem introduzir, por vezes, deformações profundas. Nesse caso, pensa-se que “[...] não haverá surpresa em vê-lo passar por alto, com mais moderação que Celano na Primeira Vida, a respeito da juventude de Francisco, mas é lamentável vê-lo adornar e materializar alguns dos mais belos traços das legendas anteriores” (Sabatier, 2006, p. 75). Por outro lado, Giovanni Miccoli sublinha que, entre os escritos

²⁹ FRANCISCO DE ASSIS, Santo. *Testamento (Test)*. Tradução: Frei Edmundo Binder, O. F. M.; In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 168.

³⁰ Versão latina: “Propter quod dixit aliquando: ‘Volo fratres meos laborare et exercitari, ne otio dediti, per illicita corde aut lingua vagentur’”. *Legenda Maior (LM)* – V, 6. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

³¹ BOAVENTURA, São. *Legenda Maior (LM)*. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 495.

³² Versão latina: “Fratres illi, quibus gratiam dedit Dominus laborandi, laborent fideliter et devote, ita quod, excluso otio animae inimico, sanctae orationis et devotionis spiritum non extinguant”. *Regra Bulada (2Rg)* - 5. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

³³ REGRA Bulada (2Rg). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 135.

atribuídos a Francisco de Assis, o seu Testamento ocuparia lugar especial, porque ele seria o único que nos aparece como relato, apresentação e, “[...] sumário de sua experiência religiosa global, da conversão à iminência da morte. Só este fato bastaria para legitimar que se parta dele, quando se quer identificara consciência subjetiva que Francisco teve de seu itinerário e de sua obra” (Miccoli, 2004, p. 52). Ademais, as considerações e as admoestações sobre o trabalho manual funcionam como remédio à ociosidade, estando na querela da conduta dos frades menores e no modo de vida a ser seguido por eles, logo após a morte do santo em 1226.

Para Magalhães, o *labor* franciscano acabava por identificar-se ao *labor manuum*, o que suporia uma relação com o *otium* – esse seria evitado somente na medida em que a mendicância se apresentasse em estreita conexão com o trabalho, de forma nenhuma sob a sua exclusão. Destaca que a narrativa consensual aponta para os pedidos de esmolas para encher as lâmpadas da igreja de São Damião, quando Francisco de Assis trabalhava em sua restauração. Nesse sentido, relata ainda que a mendicância, princípio fundamental da pobreza franciscana – aspecto da própria definição das duas ordens criadas sob um mesmo contexto, a saber, “[...] a de São Francisco de Assis e a de São Domingos de Gusmão, suporia, portanto, primariamente, a realização do trabalho. Haveria uma relação de identificação entre o operário e o mendicante, assim como uma relação de complementaridade entre o trabalho e a esmola” (Magalhães, 2019, p. 77).

Mesmo com todo esse contexto, vale a pena lembrar que, ainda em vida, Francisco de Assis estava a par de muitos desses conflitos internos, diversas foram as dissidências ao longo dos tempos, e a divisão em grupos contrários evidenciou-se na segunda metade de século XIII e no início do século XIV. Também, a disputa entre conventuais e espirituais será ainda mais acirrada com a morte do santo em prol do uso de sua memória. As interpretações pelo modo de viver de Francisco de Assis em sua *fraternitas* passam a ser sustentadas pelos espirituais com severidade e até excessos interpretativos – por isso, criticavam os abrandamentos do modo vida e os investimentos aos estudos dos Conventuais. O Testamento, desse modo, é um texto capital: “Francisco quis fazer dele um complemento da Regra e dar-lhe do mesmo modo força de lei na Ordem, o que o papa Gregório IX se apressou a anular a partir de 1230 com a bula *Quo elongati*” (Le Goff, 2007, p. 97).

A questão principal é que, para alguns, Francisco de Assis seria um ápice a ser atingido, o modelo perfeito de pobreza e trabalho. Outros frades poderiam entender o seu modo de vida apenas como uma virtude, não como uma obrigação. Nesse sentido, os comentários foram diversos, e até o *Testamentum* sofreu contestações e interpretações, coisa que o santo havia proibido no texto. Le Goff ainda sustenta que o *Testamentum* logo foi deixado de lado por autoridades Conventuais, como Boaventura, ou seja, “[...] se deixou de levar em contas as palavras do santo” (Le Goff, 2007, p. 53). Assim a batalha interpretativa estava lançada, e mais uma vez nota-se que

o ensinamento vivido por uns pode ser totalmente discrepante dos ensinamentos deixados pelo seu tutor, no caso, o santo de Assis.

Além disso, quando nos propomos a estudar os discursos hagiográficos proferidos pela personagem Francisco de Assis, encontramos imensas dificuldades em relação à autenticidade de suas falas. Para o historiador, esse exercício é fundamental para a análise da escrita da história e seus sentidos. Assim, devemos pensar que tudo pode acontecer quando nos deparamos com a emissão do discurso, uma vez que ele é forjado para atender a diversos interesses, seja dos redatores, ou de seus encomendadores. Há uma intencionalidade na escrita histórica que serve para revelar as sombras do objeto projetado, nem sempre enxergamos o objeto inicialmente, por isso, *a priori*, são os espectros, depois o exercício do olhar por meio da observação que nos permite o encontro com o protótipo idealizado.

No nosso caso em questão, são as palavras atribuídas a Francisco de Assis por meio do *corpus* documental hagiográfico que estão em análise, porque temos diversos autores e contextos de criação das produções biográficas. O enunciado atribuído ao santo de Assis legitima interesses de uns e contraria de outros. A verdade de suas palavras não pode ser alcançada em sua totalidade, justamente porque não temos como reproduzir a cópia fiel do que foi dito ou recomendado e, principalmente, não nos é possível confirmar palavras não autorizadas. Em todo caso, dispomos da escrita, que, apesar de ter as suas nuances criativas e armadilhas de produção, oferece-nos um testemunho físico do passado a ser debatido. No nosso caso, referimo-nos ao *Testamentum* de Francisco de Assis, cuja autenticidade de suas palavras foi estudada e detectada como fidedignas de sua personalidade e espiritualidade.

Considerações finais

Em suma, dedicamo-nos a entender a concepção de trabalho sob o prisma de Francisco de Assis, analisando os discursos sobre o “irmão mosca” contidos nas hagiografias franciscanas “oficiais” e “não oficiais”. Além disso, fizemos um pequeno contraponto com o *Testamento* do santo e com a *Regra Bulada* de 1223. Esclarecemos, ainda, que tivemos como objetivo compreender as diversas interpretações sobre a ociosidade e o trabalho manual dentro do movimento franciscano nos séculos XIII e XIV. Analisamos as disparidades de afirmações atribuídas a Francisco de Assis em relação à necessidade do trabalho manual para a edificação espiritual dos frades – e, com isso, a descrição negativa da figura do “irmão mosca” ganha uma funcionalidade pedagógica de conduta para os frades. Por isso, buscamos diversos documentos por acreditarmos no imperativo de analisar os dois grupos hagiográficos conflitantes sem deixar de lado as palavras do santo de Assis.

De todo modo, o nosso desafio, aqui, foi debater e confrontar os discursos hagiográficos atribuídos a Francisco de Assis sobre a sua repulsa à figura do “irmão

mosca”. Assim, a admoestação que tece a seus frades sobre essa personagem indigesta serve de ensinamento para que, no futuro, um elemento detentor das características não seja recebido e aceito no seio da comunidade de irmãos. Por isso, o “irmão mosca” tornou-se uma referência a não ser seguida – desse modo, o santo orienta os frades a zelarem pelo trabalho manual e a se afastarem da ociosidade mundana. Combatê-lo, portanto, dentro da Ordem dos Frades Menores será uma tarefa a ser seguida continuamente para que ninguém se utilize do trabalho dos outros sem ter contribuído com os demais.

Notas sobre a autoria

Alex Silva Costa é Doutor em História e Conexões Atlânticas: culturas e poderes pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). MESTRE em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e GRADUADO em História Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professor Substituto do Departamento de História (UEMA), Docente do Programa Ensinar (UEMA) e Professor da Disciplina de História Medieval do PARFOR-UFMA. Desenvolve estudos em duas áreas de pesquisa, são elas, a História Cultural e a História Medieval.

Referências

Fontes latinas

Espelho da Perfeição (SP) – 75. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Legenda Maior (LM) – V, 6. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Legenda Perusina (LP) – 39. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Legenda Perusina (LP) – 62. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Legenda Perusina (LP) – 78. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Legenda Perusina (LP) – 96. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Regra Bulada (2Rg) – 5. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Speculum Perfectionis (SP) - 24. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Testamento de São Francisco (Test). Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 22.

Vita Prima (1C) - 39. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Vita Prima (1C) - 40. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Vita Secunda (2C) - 75. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Vita Secunda (2C) - 161. Disponível em:

<http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 3 out. 2022.

Fontes traduzidas

BOAVENTURA, São. Legenda Maior (LM). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CELANO, Tomás de. *Vita Prima (1C) de São Francisco*. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CELANO, Tomás de. *Vita Secunda (2C) de São Francisco*. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

ESPELHO da Perfeição (SP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRANCISCO DE ASSIS, Santo. *Testamento (Test)*. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEGENDA Perusina (LP). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

REGRA Bulada (2Rg). In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Bibliografia

- BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- DESBONNETS, Théophile. *Da intuição à instituição*. Petrópolis: CEFEPAL, 1987.
- LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Tradução: Marcos de Castro. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. Franciscanismo, trabalho e mendicância: o léxico franciscano do século XII. *Antíteses*, Londrina, v.12, n. 24, p. 70-94, jul./dez. 2019.
- MANSELLI, R. *“Nos qui cum eo fuimus”*. Contributo alla questione francescana. Roma, 1980.
- MICOLLI, Giovanni. *Francisco de Assis: realidade e memória*. Petrópolis: FFB, 2004.
- REIS, Orlando dos. *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do século franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SABATIER, Paul. *Vida de São Francisco de Assis*. Tradução: Frei Orlando A. Bernadi, O. F. M. e Frei Vitório Macuzzuco. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: IFAN, 2006.
- SILVEIRA, Frei Ildefonso. Introdução. In: SILVEIRA Frei Ildefonso, O. F. M.; REIS, Orlando dos (org.). *Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- VISALLI, Angelita Marques. *O corpo no pensamento de Francisco de Assis*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.